

que vem a uma situação de *acaso* (exterior a eles, à sua vontade), as formas de existência que lhe são impostas... Se formos a ver bem, o facto é tanto mais verdadeiro quanto é certo que o indivíduo destituído de autoridade está condenado a tropeçar a cada passo nos caprichos daqueles que detem como exclusivo».

Carta a Garcia, passado numa caruagem de caminho de ferro — três correços escoltados por seis soldados e um cabo — admirável quadro que palpita vida nos pormenores, levanta ideias nos diálogos realistas, e domina inteiramente o leitor pelo estilo e forma; magistral para uma antologia da novelística portuguesa moderna.

Amanhã se Deus Quiser são páginas amargas, do trivialismo burguês trilhado a lágrimas, à dor oculta, à angústia do dia-a-dia.

Os Caminheiros; rico de diálogo expressivo, cheirando a ar livre e aventura, figuras da estrada, com o cego da viola, objecto de negócio; original documento sobre vidas que raramente chegam a ter o seu cronista apiedado.

Dom Quixote, as Velhas Viúvas e a *Rapariga dos Fósforos* é uma história, em narrativa pessoal, intercalando a dura realidade, fantasia mais povoada de poetizar visões; quadro também de costumes; no *Pátio do Imaginário*, uma cega, uma miúda, paradigma de todas as miúdas que vão ver passar os carros à estrada, de noite...

Uma Simples Flor nos teus Cabelos Claros é noutro género; a ironia do escritor que vive a dupla vida, da sua imaginação criadora e da sua realidade caseira. Lê-se com um sorriso.

Ritual dos Pequenos Vampiros volta ao campo sombrio dos estranhos acontecimentos que não chegam aos noticiários dos jornais. Extraordinário de diálogo, expressivo e realista no vocabulário, quase vivido, raro no acontecimento, é como uma água-forte grotesca e dramática...

Estrada 43, também é pintura a cores escuras, quadro bem desenhado da desgraça que vive permanentemente suspensa sobre trabalhos duros do quotidiano dos sub-homens.

Week-end tem toda a claridade passageira dos encontros amorosos, admiravelmente observado nos pormenores do eterno choque dos sexos, do repouso dos combatentes após a luta...

A Semente Cresce Oculta é o texto final, rico de pormenorização; o quadro do pacto, do pré-Natal, nas falas esperançosas e triviais das gentes de 3.ª classe (como diria Miguéis). Registe-se, ao leitor desprevenido desta quinta essência da preocupação evocativa e sugestionadora do autor, o seguinte período, e a sua composição tipográfica:

«Estão presentes os nove filhos da casa, incluindo os gêmeos e o Alípio, que tinha enforcado na noite de São Martinho. Esse pequenitinho muito triste, vestido de luto. Ela calcula: «Já sei, vem assim porque é um enforcado».

Sempre original, num estilo vivo, incisivo, expressionista ou realista, mas fiel às vozes do povo.

Jogos de Azar contém para os leitores simples a que nos dirigimos, motivos ricos, para apreciarem as histórias originais, de criaturas que o *acaso* colocou e mantém, num baixo nível da sociedade actual, mas que são humanas, autênticas, reais. Temas variados, vocabulário próprio, certo, excepcional na literatura portuguesa; nada de artificialismo, de efeitos literários: sobriedade e precisão.

Um escritor, no limiar da sua obra.

Jogos de Azar, por José Cardoso Pires — Edição Arcádia — Lisboa.

Jogos de Azar é um livro novo de José Cardoso Pires, feito de material antigo. *Os Caminheiros* e outros contos dado a público em 1946, e *Páginas de Amor* aparecido e eclipsado em 1952, refundidas de acordo com a evolução artística e o crescimento intelectual do autor, constituem *Jogos de Azar*, cujo título é justificado na sua orientação global de aplicação à colectânea que um inteligente preâmbulo «a charrua entre os corvos». Mais do que uma explicação de rumo, quase uma profissão de fé e tomada de pulso e consciência.

A crítica e a história do movimento literário desta época tão rica de valores, tão desorientada nos impulsos que os prosadores mais novos lhe procuram imprimir com seus trabalhos, terão de considerar atentamente a obra literária, de pequeno volume, mas profundamente válida e definidora, de Cardoso Pires, a caminhar isoladamente, sem clamores publicitários nem sopros de compadrio, que geralmente, só criam efémeros ídolos, e... talentos de ocasião.

Anuncia-se um romance, para breve, deste escritor que no teatro (embora só publicado), e no conto, impôs uma personalidade prometedora. Por agora, e fora de todas as considerações que escapam ao leitor comum, há que afirmar as qualidades dominadoras, certeiras, a validade deste magnífico conjunto de contos que é *Jogo de Azar*.

Sem falar na escola, nas directrizes mentais, nos valores que interessam à crítica mais do que ao público, é ao atractivo das historietas, à originalidade da forma descritiva, à fácil compreensão das falas, à sua veracidade, ao dramatismo emocional ou ao pitoresco dos ambientes que devemos referir-nos perante os nossos leitores.

Jogos de Azar contém nove narrativas, todas elas de um vigor, de um realismo e de um estilo raros. Quando não é o argumento original, é o potencial dramático; quando não é o pitoresco é o eflúvio terno; quando não é a veemência e a brutalidade é a dor e a piedade. Humano sempre, humano nas reflexões e nos desenhos, humano na compreensão envolvente dessas existências de «desocupados». Do prefácio do autor vem uma indicação sobre os «desocupados deste livro,